



2.ª SÉRIE

N.º 891

Ilustração Portuguesa

17
Março
1923

ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA

Edição semanal do jornal «O SECULO»

Redação, administração e oficinas
RUA DO SECULO, 49—LISBOA

Numero avulso, 1\$00 (um escudo)

Propriedade da SOCIEDADE NACIONAL
DE TIPOGRAFIA

Editor—ANTONIO MARIA LOPES

ASSINATURAS

PORTUGAL, ILHAS ADJACENTES E HES-
PANHA: Trimestre 13\$00. Semest. 26\$00
Ano 52\$00—COLONIAS PORTUGUESAS;
Semestre 28\$50. Ano 57\$00.—ESTRAN-
GEIRO: Semestre 36\$00. Ano 72\$00.

Restaurant Bonjardim

9, T. de Santo Antão, 11

Jantares e almoços de mesa redonda e por
lista.—Um habilissimo cosinheiro dirige
o magnifico serviço de cosinha.



Fornecedores dos Restaurants da Companhia Wagons-Lits

ARMAZEM DE VIVERES

José de Pinho Costa & C.^a (F.^o), Ltd.^a

69, RUA DA BITESGA, 73

(Primeiro quarteirão vindo da Rua Augusta)

Especialidade em pasteis de Belem e doces de Cascaes

LISBOA

Telephone C. 2861

BEBAM AGUA

de

S. MARÇAL

TELEF. C. 1566

Secção Editorial de "O Seculo,"

Enciclopedia Popular Ilustrada Porque, como e para que

Colecção de romances ilustrados

Pedidos á administração de O SECULO

A' venda nos logares do costume

ESCRITURAÇÃO E CONTABILIDADE

Por Correspondência

— Peçam os
prospectos do
**Instituto Nacional de
Ensino por Corres-
pondência.**

— L. Trinda-
de Coelho, 6,
Lisboa, e as con-
dições para a
matricula nos
cursos nêle pro-
fessados.

— Este Instituto
tem alunos em
todo o continente,
Ilhas, Colonias,
Brazil, Estados
Unidos da America,
e outros paí-
zes.



Corôas

Onde ha o mais chic
sortido e que mais ba-
rato vende, por ter
fabrica propria. é na

Camelia Branca
L.^a D'ABEGOARIA, 50
Sao Chiado - Telef. 3270

Vae a Paris ???

Não deixe de ir ao Restaurant POR-
TUGAL rendez-vous da colonia portu-
guezza 167, Rua Montmartre, ao lado
dos grandes boulevards. Proprietario:
Barbosa Araujo Cosinha e pastelaria
portuguezza. Os melhores vinhos de
PORTUGAL. Pessoal portuguez. Onde se
come melhor e mais economicamente.



Venda em todas as Pharmacias

TRABALHOS TIPOGRAFICOS
EM TODOS OS GENEROS

Fazem-se nas
officinas da

"ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA"

Rua do Seculo, 43—LISBOA



TODOS OS "SPORTS"

SE o match Bemfica-Império, do passado domingo, não logrou, quanto a jogo, despertar muito interesse na assistência, o seu resultado, ao contrário, interessou sobremaneira os adeptos do football, muitos dos quais surpreendeu. Os homens do Império, que, nos últimos tempos, tem trabalhado, e muito, conseguiram, mercê do seu esforço, uma boa victoria para o seu club, que assim venceu o Sport Lisboa e Bemfica por 4 goals a 2. O Bemfica apresentou-se em cam o com elementos de categorias inferiores, o que em grande parte influiu para o resultado do desafio.

O árbitro sr. Domingos Espada iniciou o encontro, um pouco depois da hora marcada, acentuando-se logo o dominio do Bemfica, que este grupo, ainda, manteve durante tod o primeiro tempo.

Foi Lobato que enfiou a primeira bola, furando as redes do Bemfica.

Dez minutos depois Pereira, do Império, conseguiu a segunda bola a favor deste grupo, logo seguida da primeira a favor do Bemfica, marcada por Crespo, apoz grande confusão junto ás redes do Império. Foi com este resultado, 2-1 a favor dos brancos, que terminou a primeira parte.

Logo no começo do segundo tempo, Varela, ao marcar uma grande penalidade contra o Bemfica, conseguiu o terceiro goal a favor do seu club. Perto do final Ribeiro dos Reis, do Bemfica, furou, com a segunda bola, as redes do Império. Varela marcando, a seguir, outra grande penalidade contra o Bemfica, obteve a quarta bola a favor do seu club, terminando o desafio pouco depois.

Duma maneira geral, podemos dizer que o team do Império jogou bem, e o do Bemfica, com excepção de Henrique Vieira, duma maneira inferior á que costuma jogar.

—O encontro Sporting-Internacional decorreu mais animado que o antecedente, pois os dois grupos se

equilibraram muito, fazendo um jogo bastante regular. O desafio, arbitrado pelo sr. José Bento, começou estando o Internacional a jogar com dez homens, pela falta de Galvão, que entrou pouco depois.

Aos vinte e cinco minutos, Jaime Gonçalves, rematando uma boa passagem de Torres Pereira, obteve a primeira bola a favor do Sporting, sendo com ste resultado que terminou a primeira parte. Começada a segunda, o jogo desenvolveu-se nos dois melos campos com grande egualdade, sendo sómente nos trinta minutos que Pereira conseguiu o segundo goal, aproveitando um canto marcado por Torres Pereira. O desafio terminou com a victoria do Sporting por 2 bolas a 0.

Do Internacional, os melhores jogadores foram: Penafiel, Honorio e obi; Gentil dos Santos, que substituiu Carlos Guimarães, teve magnificas defezas. Os melhores do Sporting foram: Jaime Gonçalves, João Francisco, Leandro, Filipe e Stroiipi.

—Os resultados dos encontros entre escolas superiores, jogados no passado domingo para a disputa da Taça Guilherme Ferreira Pinto Basto, foram as seguintes:

A Escola Militar venceu a Faculdade de Medicina por 4 bolas a 2 e o Instituto Superior do Comercio e a Escola Naval empataram por 0 a 0.

A Faculdade de Medicina apresentou grandes alterações na sua linha, que sem duvida se encontra muito melhorada.

—Na final da Taça Daniel de Oliveira, encontraram-se as equipes A e B da Sala Carlos Gonçalves, Sociedade de Esgrima e Espada e Centro Nacional de Esgrima.

AS duas equipes da S. C. G. conseguiram chegar a final com o mesmo numero de pontos, do que resultou um desempate deveras interessante em que fica victoriosa a equipe A, constituída pelos srs.: Filipe Vilhena, João Gouveia e Jaime Carvalho.



O team representativo da Faculdade de Sciencias, grupo forte e homogeneo que até hoje ainda não foi derrotado, na disputa da Taça Pinto Basto

D. C.



OLAR

AS NOSSAS RECEITAS

PUDING DE LARANJA

DESCASQUE-SE uma dúzia de laranjas e ponham-se a cozer. Depois de bem cozidas rale-se por uma peneira e junte-se-lhe melo quilo de assucar, uma dúzia de gemas d'ovos (com duas claras), uma colher (das de sopa) de canela em pó, uma dita de manteiga e duas de farinha fina. Bate-se tudo muito bem e por espaço de uma hora; unta-se a forma com manteiga, polvilha-se com farinha, e, depois de deitar a massa dentro, vai ao forno.

DOCE DE LARANJA

A laranja para doce deve ser da mais cascuda; e é inteira que se passa pelo ralador para tirar o mais aspero da casca. Frita-se em quartos e tira-se-lhe o caroco; ponha-se em seguida a cozer, e em agua fria, que se renova por espaço de seis dias, tendo tido cuidado de a pelar antes de cozer, para se juntar porção igual de assucar, com o qual (depois de limpo) se põe ao lume até tomar o ponto que se quiser; advertindo que, se é para guardar, deve ficar mais alto; e se é para comer logo, pode ficar mais baixo, mas em todo o caso com calda.

CARAPINHADAS DE LARANJA

Deixe-se de infusão uma hora, numa terrina, as cascas de tres laranjas e o sumo de quatro, cobrindo com um pano. Junte-se o sumo de dois limões e um pouco de coçomilha, passe-se pela peneira de seda e faça-se gelar.

GELADO DE LARANJA

Deite-se numa terrina um litro de assucar em ponto de cabelo, as cascas de tres laranjas e o sumo de cinco. Depois de duas horas de infusão, junte-se-lhes o sumo de dois limões. Passe-se este liquido pela peneira de seda e faça-se gelar.

Querendo dar-lhe uma cor mais intensa, deitar uma pequenissima porção de carmin.

CREME DE LARANJA

100 gramas de assucar num tacho de arame, 16 gramas d'ovos com 8 claras, batidos á parte, e sumo de 4 laranjas. Põe-se ao lume mexendo até ferver; tira-se e junte-se as claras sem deixar de mexer. Passa-se outra vez pelo lume e deita-se num prato, que se pode enfeitar com granelas ou com assucar.

RATAFIA DE LARANJA

Deite-se em 4 litros de boa aguardente as cascas de 12 laranjas; espreme-se o suco delas e derrete-se nele um quilo de assucar. Deite-se tudo numa varilha, que se agitará bem, deixe-se repousar um mez, filtre-se e engarrafe-se.

CONSELHOS UTEIS

DECALOGO DE TOMÁS JEFFERSON.

- 1— Não deixes para amanhã o que possas fazer hoje.
- 2— Não incomodes as outras pessoas com coisas que tu possas fazer.
- 3— Não gastes nunca dinheiro sem o teres adquirido.
- 4— Não compres, ainda que julgues barata, uma coisa que não precises, porque ficar-te-ha sempre muito mais cara.
- 5— O orgulho é mais caro que a fome, a sede e o frio.

MENÚS DA SEMANA

| Domingo | | Quarta-feira | |
|---------------|---|---------------|---|
| Almoço | Lolinhos de lagosta á moda do Algarve Bife á inglesa com batatas fritas Café com leite | Almoço | Chocos guisados Figuado de vitela á moda do estremo com batatas empoladas Café com leite |
| Jantar | Sopa de nabos Presunto cozido, guarnecido de batatas fritas Gorax frito com salada de chicorea Fritas chinesas | Jantar | Sopa de feoas Embroda de peixe Lombo de vaca assado com batatas e alface Bolo da lha |
| Segunda-feira | | Quinta-feira | |
| Almoço | Rim de porco saltado com puré de batata Ovos á francesa Café com leite | Almoço | Eitros nas grelhas Alcatra ao natural com batatas á inglesa Café com leite |
| Jantar | Sopa de hortaliça Pastéis de bacalhão Lingua estufada com salada de batata Pudim de nata | Jantar | Sopa de massa Carne cozida á portugueza com arroz gordo Coelho á coçadora Bolo de familia |
| Terça-feira | | Sexta-feira | |
| Almoço | Sarda cozida com batatas Costeletas de porco grelhadas com grelos de couve Café com leite | Almoço | Atum cozido com batatas Carne em salina com ovos cozidos Café com leite |
| Jantar | Puré de grão com espinafres Crquiets de peixe Lombos á francesa Pudim á inglesa | Jantar | Sopa de ervilhas Filetes de pescada com arroz de manfega Frango assado com salada de couve flor Bolo pódre |
| Sabado | | | |
| Almoço | Omelete de marisco Costeletas de porco grelhadas com puré de batata Café com leite | Jantar | Sopa de puré de feijão com grelos de nabo Frituras de camarão Carneiro assado com salada de alface Sopa doitrada |

- 6— Ninguém se deve arrepender de ter comido pouco.
- 7— Não deve ser custoso o trabalho que fazemos com boa vontade.
- 8— Muitos dos nossos desgostos são filhos de desgraças que nunca sofremos.
- 9— Toma sempre as coisas pelo lado mais facil.
- 10— Quando te sentires irado, conta até dez, antes de falares, e até cem, quando estiveres colérico.

A ILUMINAÇÃO E O BOM GOSTO

A escolha e disposição de luz é um dos mais dificeis problemas que a mulher tem a resolver a dentro do seu lar. Nada ha mais deliciosamente agradável que uma linda luz, num caninho onde o conforto e o carinho duma mulher soube reunir as futilidades, que, não sendo nada, representam tanto na nossa vida.

A luz deve ser forte sem ser intensa, clara mas não dura. Isto obtém-se com o «abat-jour», a que a fantasia e a habilidade feminina dão originalidade e beleza. Os quatro modelos, que hoje oferecemos ás nossas leitoras, são dum lindo efeito e de execução facil. A forma de arame é semelhante nos tres primeiros: um c lindro que na parte superior está ligado a um cône.

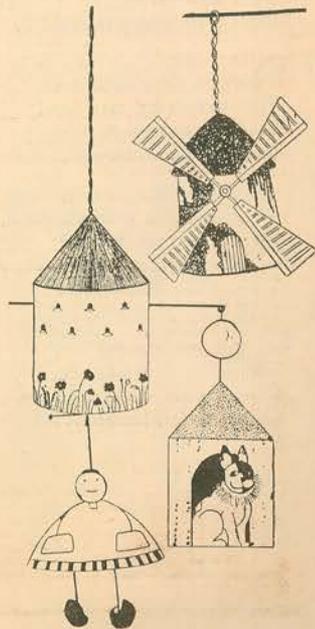
Para fazer o molinho adornado sob o seu manto de verdura, deve-se escolher uma seda amarelo-clara, e froco de seda verde-musgo para fazer a verdura.

O segundo, imitando uma choupana, deve ser feito em seda ocre, com a parte superior em seda castanha, com uns pontos grandes em seda ou em lá em tons mais claros ou mais escuros para dar a impressão do colmo do tecto da choupana. As flores devem ser bordadas nos tons de vermelho e azul e as hervas em verde.

O terceiro, engraçado, proprio para uma casa de entrada, onde o guarda vigilante do seu pequeno nicho olha atento a porta. Deve ser feito em pongé ou seda cinzenta clara com o tecto em verde ou vermelho. O cão em branco, o fundo em preto, as manchas do focinho e as orelhas em castanho, assim como os olhos. Este «abat-jour» pode ser feito com applicações de retalhos, ficando igualmente bonito se for pintado.

O quarto é uma fantasia propria para o quarto de Bébê, escritorio ou uma salinha. A forma de arame em cupula, forra-se com seda rosa pallida ou creme. A tinta da China dá-se os traços que indicam os bracos, o avental e o vestido. A cabeça faz-se separada e coze-se, bem como os pés com os seus en rmeis «sabots» em seda preta, que são presos por um cordão de seda da mesma cor, na parte interna, ao melo do «abat-jour».

É original e bonito.



CALENDARIO DA SEMANA

Março—31 dias

- 18— Domingo — S. Gabriel—Paixão.
- 19— Segunda-feira — S. José.
- 20— Terça-feira — S. Martinho.
- 21— Quarta-feira — S. Bento.
- 22— Quinta-feira — St.º Emídio.
- 23— Sexta-feira — Nossa Sr.ª das Dores.
- 24— Sabado—Inst. SS. Sacramento.

Silva Poetica

TROVAS

«AMOR com amor se paga»,
Diz conhecido rifão.
Quando pagas o que deves
Ao meu pobre coração?...

Que lindo dia de sol,
Que claridade tão pura!
Só em meu cançado peito
E' eterna a noite escura...

Nasci de um beijo de amor
E com beijos fui creada...
Por um beijo me perdi
E me vejo desgraçada...

Todos me olham com desprezo,
A minha dôr não tem fim!
Até a morte cruel
Passa e não olha p'ra mim!...

Tenho, no peito, saudades,
Tristes saudades, meu bem!
Saudades de quando tinha
Saudades de minha mãe...

— «Os beijos de amor são doces,
Dizes tu — queres provar?
— «Pois sim, amor; mas... não sei!
Tenho medo de enjoar...

Antigamente, chorava
P'los ralhos de minha mãe.
Hoje, que ela não existe,
Choro por eles também...

A minha reza, é bem simples,
«Padre-nosso» muito meu...
Junto as mãos e principio:
— «Minha mãe que estás no ceu...

JOSÉ D' OLIVEIR COSME
(*Josolicos*)



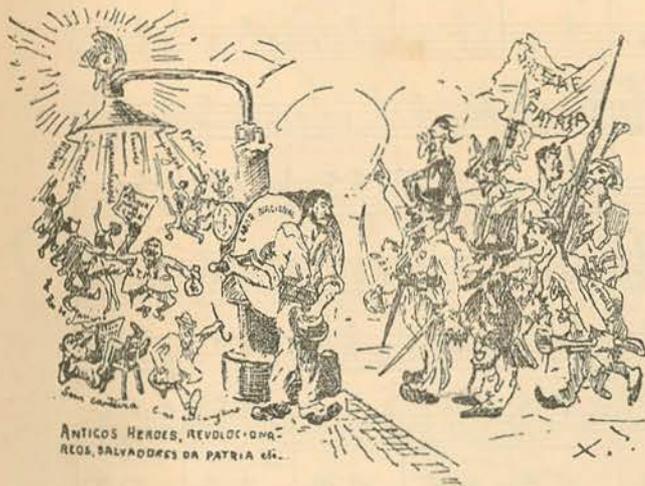
PRATA DA CASA

por X...



Noite de luar

Ela—Chega aqui, José, vem vê a lua chela...
Ele—Não é preciso. Vê-se d'aqui perfeitamente...



ANTIGOS HERDEIROS, REVOLUCIONÁRIOS, SALVADORES DA PÁTRIA etc...

Boatos de revolução

Revolucionários—Cá estamos, Zé, para te salvar!
Zé—P'co desculpa aos srs. Heróis, mas a máquina...
distribuidora já mal chega para os ilustres antecessores
de V. S.^{as} I...



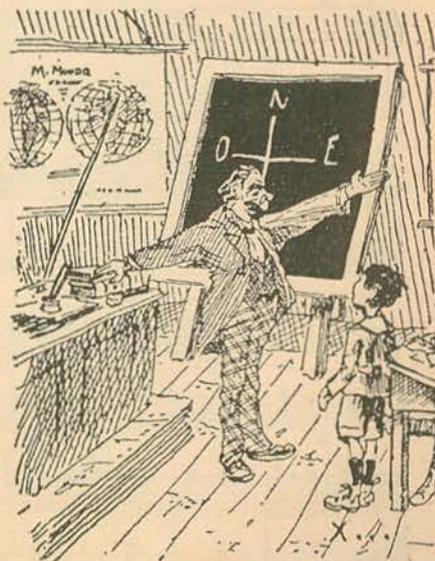
Os pavilhões portugueses no Rio

Dados os erros da construção a que se refere o relatório de Ricardo Severo, a única maneira de entrar no Pavilhão Português das Indústrias, da Exposição do Rio de Janeiro, é... de gatinhas!



Propaganda bolchevista

Vadio—Feita a revolução mundial, reparam-se os despojos; ficamos todos ricos e não é preciso trabalhar!
Operário (Increduloso)—Pois sim!... E quando acabarem os quinhões e não houver mais que reparar?...
Vadio—Como, n'essa altura, já devem estar asseguradas as comunicações com os outros planetas, vamos implantar o bolchevismo... na lua!...



Lição sobre os pontos cardeais

Professor—...portanto o Norte fica na minha frente e, o Sul, para trás, nas minhas costas. Caminhando para o Norte, siga para de nte, ao passo que, se caminhar para o Sul...
Aluno (Interrompendo-o)—Já sei! Cae... porque não vê o caminho...



FOGOS FATUOS

Trecho de valsa

H. de Van Gael

A musical score for a waltz titled "Fogos Fatuos" by H. de Van Gael. The score is written for piano and violin. It begins with the tempo marking "Tempo de valsa" and a dynamic marking of *f*. The piano part is in the left hand, and the violin part is in the right hand. The score consists of ten systems of music, each with a treble and bass staff. The music features a mix of eighth and sixteenth notes, with some triplet markings. A *Plager* marking is present in the first system. The score concludes with a double bar line and a final chord.



A TEMPO..

OS últimos acordes d'uma valsa lenta perdiam-se no espaço...

Sofia, no vão d'uma janela, conversava a meia voz:

- Mêdo, Miguel?!... Mêdo de quê?
- Não sei, respondeu-lhe o intrépido or. Se não é mêdo é, em todo o caso, coisa muito parecida...
- Pois bem, para lhe provar que não sou pessoa sujeita a medos, aceito o seu convite. Irei!

E, dizendo isto, Sofia afastou-se, esboçando um gracioso gesto de despedida, com o leque de plumas negras. Ainda por algum tempo passeou pelas salas a sua soberba figura, tão bem molhada na riquíssima *toilette* de tule bordado a prata. Sorria para todos, trocava cumprimentos e amabilidades... Até que, por fim, aborrecida e enervada, retirou-se.

Sósinha no seu quarto, de pé, iluminada pela claridade suave da lampada eléctrica cuja luz um *abat-jour* de seda côr de rosa esbatia, Sofia meditava:

- Deveria ir? Não deveria?...
- A razão aconselhava-me que não fosse; o amor próprio, excitado pela observação de Miguel, incitava-a a que sim, fosse: mostrasse que, de facto, não tinha mêdo!

E o sentimento?
Talvez porque lhe absorvesse por completo o espirito o aspecto sob que a questão fôra posta, talvez porque o caso não chegasse a interessal-o, a verdade é que o sentimento não entrava para nada na sua perplexidade. E o dilema, circunscrito á questão do orgulho, mantinha-se insolúvel...

Seis horas da tarde.
Olhando — porque não admirando? — a sua esbelta imagem, reflectida no grande espelho, Sofia, acaba de calçar as luvas, pronta para sair: toda de azul escuro, com um feltro graciosamente puxado sobre os olhos.

A' pergunta da criada, surpreendida por vê-la sair a pé, responde «que sim, vae perto... A' modista... ao Godefroy»:

— Tudo perto e vou a pé, porque me aoeitece andar... Desce a escada. Apoz ainda uma breve hesitação, apressa o passo... Teme vacillar, mais uma vez. Pulsa-lhe o coração e, percorridas varias ruas, como quem foge de si mesma, faz sinal a um trem que passa. Pronto, o cocheiro, pára os cavalos; mas exactamente

a rapidez d'esse movimento fez com que eles colhessem um rapazito que atravessava, correndo, a calçada.

Sofia solta um grito e logo se dirige para a creança que ficára por terra, sem sentidos. Ao tempo, já varios transeuntes, que tinham acudido pressurosos, a transportavam para uma farmacia proxima. Acompanhando o triste cortejo, Sofia teve a sensação de que fôra ella a causa do desastre. E esta sensação, além da dolorosa impressão que lhe causára a scena a que acabára de assistir, marejou-lhe os olhos de lagrimas.

Apoz observar a creança, o farmaceutico, de longas barbas brancas, declarou não ter importancia o leve ferimento que apresentava na testa. Emquanto lh'o pensava, o pequeno voltava a si e o velho, cuja voz áspera contrastava com a bondade do olhar, disse-lhe:

- Então como vae isso?
- Dol-me a cabeça, respondeu ele, chorando. Quero ir para casa, para a mãe e para o meu avô!...

— E sabes ir sósinho, para casa?
Sofia aproximou-se. Acompanhal-o-hia, ella. Pois que fôra a causa, embora involuntaria, do desastre... E deu a mão á creança, dirigindo-se para a porta, seguida pelo velho farmaceutico que delicadamente a acompanhou até ao carro.

Este rodava com a morosidade das carruagens de praça, em direcção á rua que o pequeno indicára.

- Acariciando-o, Sofia interrogou-o:
- Como te chamas?
- Artur.
- E tua mãe?
- Carolina. Mas o avô chama-lhe Carola. Quere tambem saber o nome do avôsinho? E' Paco.

— Não tens pae?
— O pae, está no céu. Foi para lá ha muito tempo e eu nunca mais o tornarei a vêr se não quando morrer... Depois, com os olhos a brilhar-lhe de curiosidade, acrescentou: Se eu, ainda agora, tivesse morrido, já agora estava ao pé do paisinho, não é verdade?

— Que idéa! Isso não se diz! Meninos bonitos não falam n'essas coisas. Chama-se Paco, o teu avô? Então, não é portuguez?...

— E' espanhol.
Quando Sofia se preparava para dirigir nova pergunta a Artur, parou a carruagem. Logo o pequeno saltou ligeiro e, seguido por Sofia, embrenhou-se por um path humilde que dava acesso á escada.

—Veja lá não vá cair. Segure-se bem á corda, recomendou-lhe o garoto.

Começaram, então, os dois, a ascensão que foi demorada, pois só pararam no ultimo andar. Uma vez ahí, Artur empurrou a porta da frente e entrou, bradando: —Mãesinha! avósinho! venham cá! Trago comigo uma senhora muito bonita!

A casa onde Sofia penetrou era de escassas dimensões, pobremente guarnecida de moveis, mas em extremo acedada. Junto d'uma mesa, uma mulher alinda nova e um velho conversavam. Ao vêr entrar o pequeno, com a cabeça ligada, pouco caso fizeram da senhora muito bonita e correram, assustados, para elle, Inquirindo o que se havia passado:

—Hijo de mi alma! que pasa?! que pasa?! tartamudou o espanhol velho, com lagrimas na voz e nos olhos.

—Filho, meu filho, díze? que te aconteceu? Interrogava-o, não menos afflicta, a mãe.

Sofia apressou-se a descrever o que sucedera, só n'essa altura tendo dado por ella, os da casa:

—Nada de perigoso. Também ella se assustára, mas, felizmente, não passava d'uma simples arranhadura.

E, falando, acariciava o pequeno que se encostava, valdoso, á sua boa amiguinha, tão bonita, tão bem vestida e que cheirava tão bem...

—Jamás he tenido tantas ganas de llorar, como hace poco! Lucerito de la mañana!... Hijo de mi alma! assim dizendo, ainda mal seguro da d'lorida sensação que lhe causára a entrada do neto, o velho acompanhou-o ao compartimento visinho, a mudar de fato, pois o que tinha vestido estava manchado de sangue e de lama.

Então, a mãe pediu a Sofia que se sentasse. Devia estar cansada. A escada era má e moravam tão alto! Acendendo ao convite, a joven observava, curiosa, Carolina, que, n'aquelle meio de pobreza e d' sconforto, se offercia, comtudo, fresca e rosada, denotando mesmo um pelo menos relativo bem-estar.

—Gosta muito do seu filhinho, não é verdade? Uma scenielha de ternura illuminou os olhos negros da interrogada, que respondeu:

—Se gosto d'ele?... E' a minha unica razão de ser!...

—Ha muito tempo que enlucvou? A esta nova pergunta correspondeu a outra com a narração de t'udo o seu breve romance de amor, narração simples e espontanea de mulher do povo, franca e sem reservas.

Durara quatro anos a sua felicidade, felicidade que o menor incidente não perturbara. Tinha, então, o Artur tres anos. N'essa altura ainda ella amava mais o marido que o filho. Agora, o amor que consagrava ao pequeno era por elle e pelo adorador, que partirá para não mais voltar. Oh! esse bom Manuel, morto aos trinta anos, como ella lhe quizera! Tinha bem a certeza de que fóra só d'ella... também só a quizera a ella... só com ella sonhara sonhos d'amor e de felicidade! Poderia, porém, paralisar como aquelle, durar sempre?... Sim... chegára a acreditar-o... mas fóra cruelmente enganada...

—Suponha um lago tranquillo e liso como um espelho, prosseguiu Carola, que, de repente, um sopro qua-

si imperceptivel faz estremecer... Pouco a pouco esse sopro acentua-se, e uma ondulação de vaga espalha-se-lhe por toda a superficie, transformando o lago em oceano encapelado... O lago era a nossa vida placida e cheia de ternura, o primeiro sopro a doença que acometeu o meu pobre Manuel... a vaga, a morte que m'o arrebatou!

N'esta altura, um soluço lhe embargou a voz. Por seu lado, Sofia também se sentia comovida até ás lagrimas. Então ella, enxugando os olhos e com um sorriso triste, observou:

—Mas fiquemos por aqui. Vejo que a minha magua a magoa e...

—Sobretudo admiro a sua conformidade e lastimo a sua desdita...

—A minha conformidade!... Se visse como me revolttei ao perdê-lo! Nos grandes desgostos é sempre assim: a primeira impressão é uma dor vivissima, brutal! Depois... a saudade, com a sua propria suave amargura, traz-nos a resignação...

O pae, que entrára sem ser pressentido, interrompeu-a:

—Que és eso, Carola? Estás llorando? Que te ocurre?... Habla, Carola mia, habla!

—Não é nada, meu pae... Falavamos de Manuel... Era tão bom... fez-nos tanta falta...

—Oh! guapo muchacho... Tan fino... Antes el seplero frío para mi!

—Não diga tal, pae! Deus é quem manda! O Manuel para mim, não morreu! Só morre, quem é esquecido...

—Ya lo creo! concordou o velho, em voz baixa. Depois, como n'um sussurro: Los recuerdos son el perfume de las cosas pasadas...

—Artur? perguntou Carolina.

—Arturito, dormindo...

—Então vá, o pae, para junto d'ele. Pode acordar e precisar alguma coisa...

O velho cumprimentou Sofia e tornou a desaparecer. Esta, interrogou Carolina sobre se o marido também era espanhol.

—Era. Filho d'aquelle bom velho. Eu não tenho paes, nunca os tive. Sou enfeitada...

Sentindo-se pequena perante tanta resignada desdita e comovedora bondade, Sofia levantou-se, abraçou e beijou a infeliz e honesta rapariga e despediu-se, não sem prometer voltar, no dia seguinte, a saber noticias de Artur e trazer-lhe um fato novo.

Uma vez na rua, respirou mais livremente.

Sentia que ficara querendo bem áquella creança, áquella boa mulher e até ao pobre velho... Como aquella gente, na sua conformação com a desgraça, e forte da propria desgraça, constitulam lição á fraqueza d'ella... lhe indicavam o seu dever de esposa... o seu dever de mãe!...

Parou, olhou para o relógio e sorriu, satisfeita.

—Oito horas! Feliz contratempo... tanto a tempo!



MARTHA.

Enciclopedia «Porque, Como e Para que»

“OS SEGREDOS DA ATMOSFERA,,

pelo professor Amorim Ferreira

PREÇO AVULSO, 50 centavos

Acaba de ser publico do, achando-se á venda em todas as livrarias, tabacarias, etc., de Lisboa e Porto e em casa dos agentes de O SECULO, na provincia

Pedidos directos á Secção Editorial de O SECULO
Rua do Seculo, 43 - LISBOA

Ilustração Portuguesa

2.ª SÉRIE

17 — MARÇO — 1923

N.º 891



Guerra Junqueiro recebe a visita do ilustre pintor espanhol Vasquez Dias, o qual faz o esboço do retrato do grande poeta português

(Cliché André de Moura.)

O Teatro na sociedade



Da esquerda para a direita: D. Maria Irene Névoa, D. Martha Sousa, D. Maria Luíza d'Oliveira, D. Maria Luíza Macedo, D. Maria T. d'Oliveira, e sr Carlos Souza

MALDISENTES são os que dizem que a nossa sociedade despreza os divertimentos em que o espirito se manifesta. Um grupo de senhoras e cavalheiros, sob a direcção intelligente e requintada do dr. Mario Tavares de Carvalho, deu ultimamente um desmentido a esses praguentos. Foi em o palacete pertencente á sr.^a D. Maria do Rosario Silveira do Amaral (quinta das Calvanas, á entrada do caminho do Lumiar, magnificas salas) que se effectou uma representação da revista *Cá e lá*, escrita expressamente para o fim pelos srs. Alvaro de Lima e Fernando Tavares de Carvalho, que é um poeta delicado e chelo de estro, já patenteados com brilho no livro, como o primeiro de ha muito que confirmou a sua vis e o seu valor scenico.

E tudo era apropriado: o scenario, a indumentaria; o gosto e a arte se uniram. E a vida, o movimento que os actores, verdadeiros virtuosos, im-



Da esquerda para a direita: D. Maria Luíza Macedo, D. Maria Luíza d'Oliveira, D. Virgínia Lima, D. Maria Luíza Ravara e sr. Carlos Souza



Da esquerda para a direita: D. Martha Sousa, srs. José C. Leite da Silva, Arminho d'Almeida, D. M. Clotilde Névoa, Joso Marq es Pinto, Victor Névoa, D. Maria Fernanda Faquinhas de Carvalho e o sr. Carlos Souza

(Cliché Salgado.)

primiram á revista assinalava-lhes um logar de destaque mesmo nos palcos de profissionais. Da revista, falante de comentario da vida mundana, ao mesmo tempo cheia de alegria e de pitoresco de coisas da vida social, fornecem uma idéa pictoral os lindos quadros que publicamos. Que prazer mesmo para a vista: lindos rostos e verdadeira alegria.

São momentos deliciosos, que contentando os olhos dão egualmente ao espirito inefaveis prazeres que se prolongam.

Foi uma festa de arte com todos os característicos proprios e ha muito tempo que não se passa uma noite tão deliciosamente. Se os salões regorgitaram, e as palmas e

o contentamento foram enormes, não menos foi o preito tributado aos prazeres espirituales.

E' um facto que se impoz ao registo. E' o que fica feito.

J. P.



BASILIO TELES

A MORTE DE BASILIO TELES NÃO REPRESENTA APENAS—O QUE JÁ, POR MÚLTIPLOS MOTIVOS, SERIA MUITO!—A PERDA, PARA A REPUBLICA, D'UM GRANDE REPUBLICANO; REPRESENTA, TAMBEM, A PERDA, PARA A PATRIA, D'UM GRANDE HOMEM DE BEM. FALECIDO EM MATOSINHOS, NO DIA 10 DO CORRENTE, COM 67 ANOS DE IDADE, POIS NASCERA, NO PORTO, AOS 14 DE FEVEREIRO DE 1856, TODA A SUA VIDA FOI DE TRABALHO E DE LUTA PARA SE MANTER UMA SITUAÇÃO DE APAGAMENTO SOCIAL QUE, POR MENOS QUE LHE COMPETISSE, A UNICA ERA DE SEU APRASIMENTO. PROFESSOR DE LITERATURA, FILOSOFIA E SCIENCIAS NATURAES E JORNA ISTA, COM TAES PROFISSÕES DE CRER É BEM QUE JÁ-MAIS LOGRASSE FORTUNA, MESMO QUANDO DESEJAL-A COUBESSE DENTRO DA SUA PSICOLOGIA DE MISANTROPO INDEFECTIVEL AO QUAL BASTARAM, ATÉ AO FIM QUANTO ÀS EXIGENCIAS DO ESPIRITO, O ESTUDO E AS LOCUBRAÇÕES E, QUANTO ÀS EXIGENCIAS FISICAS, O PARCO ALIMENTO QUE SE CONCEDIA E O VARINO DE BUREL QUE O ENVOLVEU EM VIDA E NO QUAL, AINDA DEPOIS DE MORTO, APARECEU ENVOLTO. DUAS VEZES NOMEADO MINISTRO, OUTRAS TANTA SE RECUSOU A OCUPAR O CARGO, PREFERINDO DEIXAR DA SUA ALTÍSSIMA MENTALIDADE RASTRO MENOS EFEMERO QUE AQUELE QUE, EM GERAL, COMPORTAM AS PAGINAS DO «DIARIO DO GOVERNO». A SUA GRANDE E VALIOSA HERANÇA LITERARIA E SCIENTIFICA É, DE FACTO, DAS QUE FICAM, COMO O GRANDE EXEMPLO CIVICO, QUE FOI A SUA VIDA, DE DESEJAR SERIA QUE TÃO POUCO SE PERDESSE.

O PORTO DE LEIXÕES



Um aspecto do lastimavel estado actual do porto



Outro aspecto

(Cliché. Alvão)

Oferece especial oportunidade a publicação destes dois aspectos do porto de Leixões, no momento em que, numa reunião recente realisada no Porto, na séde da respectiva Junta Autonoma, se resolveu pedir ao Gover-

no que sejam integralmente entregues á mesma Junta as receitas daquele porto, a fim de, com elas, se garantir um emprestimo destinado ás obras que urgentemente carece.



D. Estefania

"Cartas inéditas da Rainha D. Estefania"



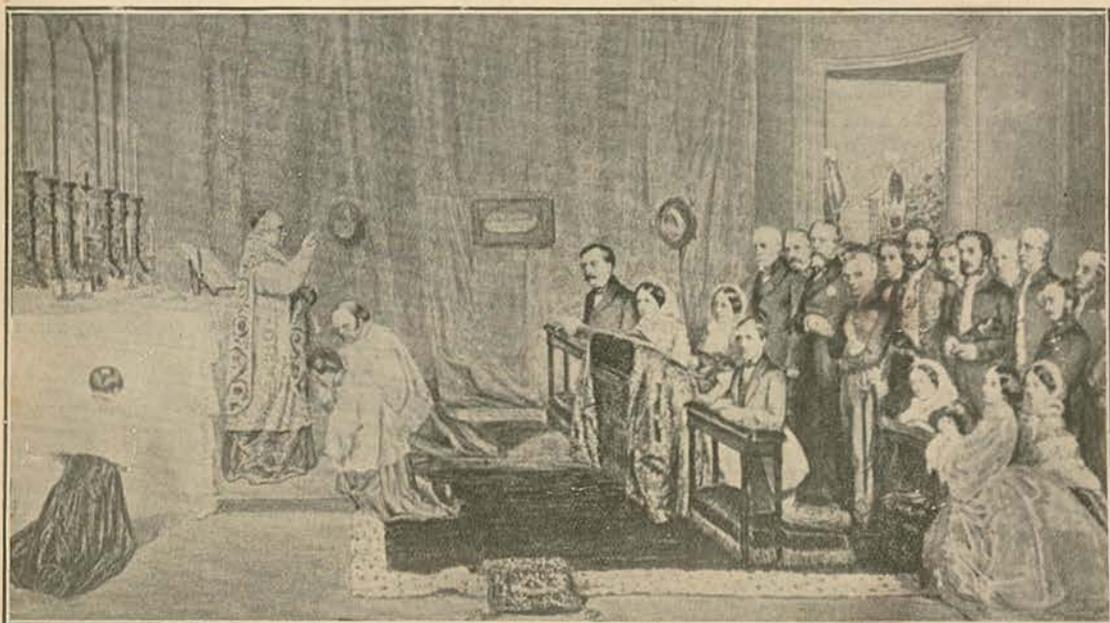
D. Pedro V

UM LIVRO ATRAENTE

NA ultima pagina do segundo volume do notavel trabalho historico D. Pedro V e o seu reinado declarava o seu illustre autor, o sr. dr. Julio de Vilhena: Se Sua Alteza (o Principe de Hohenzollern-Sigmaringen) nos facilitar o conhecimento de tudo quanto exista no seu arquivo, respeitante á Rainha D. Estefania, será a nobilissima princesa o objecto do nosso ultimo livro.

Chegou agora (passados dois anos depois da publicação daquele livro), felizmente, o cumprimento, tão desejado por nós, desta promessa, pois aquele illustrado

Principe facultou, cavalheirosamente, as cartas daquela chorada Rainha, que constituem preciosos documentos historicos para o estudo d'essa formosa figura de mulher, que havia de atravessar a nossa terra num vôo anglico a caminho do ceu, no dizer sentido do sr. Vilhena, e do seu real esposo, o grande rei D. Pedro, e eis-nos, assim, na posse d'um formosissimo livro, que tanto deve agradar, incondicionalmente, a todos os corações sensiveis e bem formados: Cartas inéditas da Rainha D. Estefania, prefaciadas e comentadas por Julio de Vilhena.



Missa celebrada no dia 9 de maio de 1855 por S. E. o cardeal Wiseman na legação de Portugal em Londres perante S. M. a Rainha D. Estefania e com a assistencia de S. A. o Principe de Hohenzollern, pai da Rainha; do Principe Leopoldo, irmão da Rainha; duques da Terceira, Marquesses de Ficalho e de Sousa, Condes de Laoradio, Kratz, secretario particular; J. G. Oliveira, conselheiro de legação; D. Maria das Vóres de Sousa Coutinho, dama de S. M.; E. Sampáio, D. Augusto de Mendoga e G. Santos, oídos de legação; F. J. Vanzeller e sua filha, E. Moura, etc., segundo uma estampa ou quadro de oleo, que existiu no palacio dos condes de Azambuja, em Pathana

São cincoenta e seis encantadoras, carinhosas e lindas cartas, sete dirigidas a seu noivo e as restantes á Princesa Josefina Frederico Luiza, sua mãe, que retratam, em toda a sua plenitude, a alma candida e immaculada de D. Estefania nas suas diversas manifestações.

A reprodução das cartas, que passaram despercebidas a tantos portugueses que estiveram no castelo de Sigmaringen, é precedida de dois primorosos capitulos, em que o sr. Julio de Vilhena, fundando-se nos respectivos textos e em outros documentos, nos dá, em termos repletos de comoção e sentimento e com o coração palpitando ainda intensamente — o vento da politica não conseguiu, felizmente, embotar a sua sensibilidade — a melhor biografia, até hoje produzida, da simpática e formosa Rainha.

Das cartas se vê quanto ella era extremamente religiosa e como era amiga e disvelada protectora dos pobres.

Ali se revela o seu interesse e dedicação pelas letras e pelas artes, os seus extraordinarios dotes de intelligencia e perspicacia, claramente, patenteados nas judiciosas apreciações que faz sobre todos os assuntos, até sobre aqueles, tão aridos, de politica internacional e, tambem, quanto era superiormente instruida.

O amor da familia e, notavelmente, o amor conjugal, em que foi verdadeiro modelo, delas transparecem com todo o encanto e simplicidade.

Como foi curto (catorze mezes) o poetico idillio entre aquelas duas almas peregrinas!

Q' y a-t-il de plus beau, de plus doux dans ce monde que l'union de deux cœurs qui se comprennent, qui s'aiment, qui sont animés du même desir..., escrevia D. Estefania.

D. Pedro dava a conhecer, sem reservas, a sua felicidade nas cartas que endereçava aos parentes. Assim, á Rainha Victoria, de Inglaterra, que, com o Principe Alberto, tanto concorrera para aquelle auspicioso enlace, escrevia profeticamente: *Ela é tão meiga, tão boa, tão intelligente, tão paciente para com tudo quanto possa tornar-nos impacientes neste paiz tão irritante, que muitas vezes estremeço, e temo perder a minha ventura. E se esta ventura fosse um sonho!*...

Que tocantes frases, a respeito de seu esposo, se destacam das cartas: *J'ai trouvé Pedro tout a fait comme je me l'étais imaginé, son expression a quelque chose d'idéal, tant elle est bonne et profonde. Ses yeux disent plus que toutes les langues ne pourraient dire... C'est touchant de voir combien Pedro entre dans tous ces détails* (aludindo á fundação d'um asilo para os orfãos da febre amarela), *raiment, je crois qu'il est impossible d'être meilleur qu'il n'est. Il est extrêmement tendre avec moi...*

Pour moi, il est si excellent, toujours à penser à

tout, si plein d'égards, si tendre! Vraiment, je ne puis assez remercier Dieu pour mon bonheur!... Pour moi, je n'ai que trois pensées qui m'absorbent mes devoirs, Pedro et vous, mes adorés parents et toute ma bien-aimée famille.

N'outra carta encontramos esta expressão d'amor: *Quana je ne suis pas avec lui, je pense toujours à lui, et je me sens heureuse quand je suis a coté de lui, quand même ne nous disons rien.*

Quanto ella se interessava pela sua nova patria, cujos progressos e prosperidades tanto desejava e como se orgulhava de ser portugueza: *... je sens bien que je suis, au fond, Portugaise de cœur e d'âme... je suis beaucoup trop Portugaise... et je serais bien bête de ne pas l'être car, nécessairement, l'honneur du Portugal c'est le nôtre.*

Em geral pôde, acerca das cartas, concluir-se com o seu distincto comentador: *A alma da Princesa com todas as suas virtudes et predicados encontra-se ali de tal modo vincada, que facil se torna apreciar-lhe a psicologia.*

A desditosa Rainha, que havia nascido no pequeno castelo de Krauchenwies em 15 de julho de 1837, veiu a falecer em 17 de julho de 1859, contando apenas vinte e dois anos!

Foi enorme a dôr em todo o paiz, foi geral a consternação!

La vestida de branco com a sua grinalda de flores brancas, como um anjo de candura que voava para a companhia de Deus, escreve o sr. Julio de Vilhena.

Era um coração para a terra e um espirito para o ceu, dizia o pobre rei ao duque da Terceira, referindo-se á sua doce companheira, nos dias tristes que foram quasi todos os do seu reinado e nos momentos de alegria.

Já antes do seu enlace exclamara: *Ela será para mim e para o meu povo um anjo de consolação.*

N'uma das cidades onde residiu, em Dusseldorf, ha um busto de Estefania, aonde o povo vai, em romaria, chorar o triste destino daquella que melhor representou as virtudes do seu sexo e mais divinamente encarnou a alma das mulheres da sua patria, anota o sr. Vilhena.

Crêmos ter dado aos nossos leitores e, especialmente, ás nossas leitoras uma palida ideia deste bellissimo livro, que fará derramar lagrimas de verdadeira comoção a todas as almas ternas, apaixonadas e amorosas, como são, sempre, as dos portuguezes e, portanto, rematamos estas modestas palavras com uma frase do sr. Julio de Vilhena: *Portugal lembrar-se-ha sempre de que ella foi, no seu complexo de qualidades, a mais notavel das suas Rainhas.*

HENRIQUE DE CAMPOS FERREIRA LIMA.

coleção de Romances Ilustrados

“QUOD VADIS,,

O celebre romance de Henrik Sienkiewicz

PREÇO AVULSO, 1 ESCUDO

Acaba de ser publicado, achando-so á venda em todas as livrarias, tabacarias, etc., de Lisboa e Porto e em casa dos agentes de O SECULO, na provincia

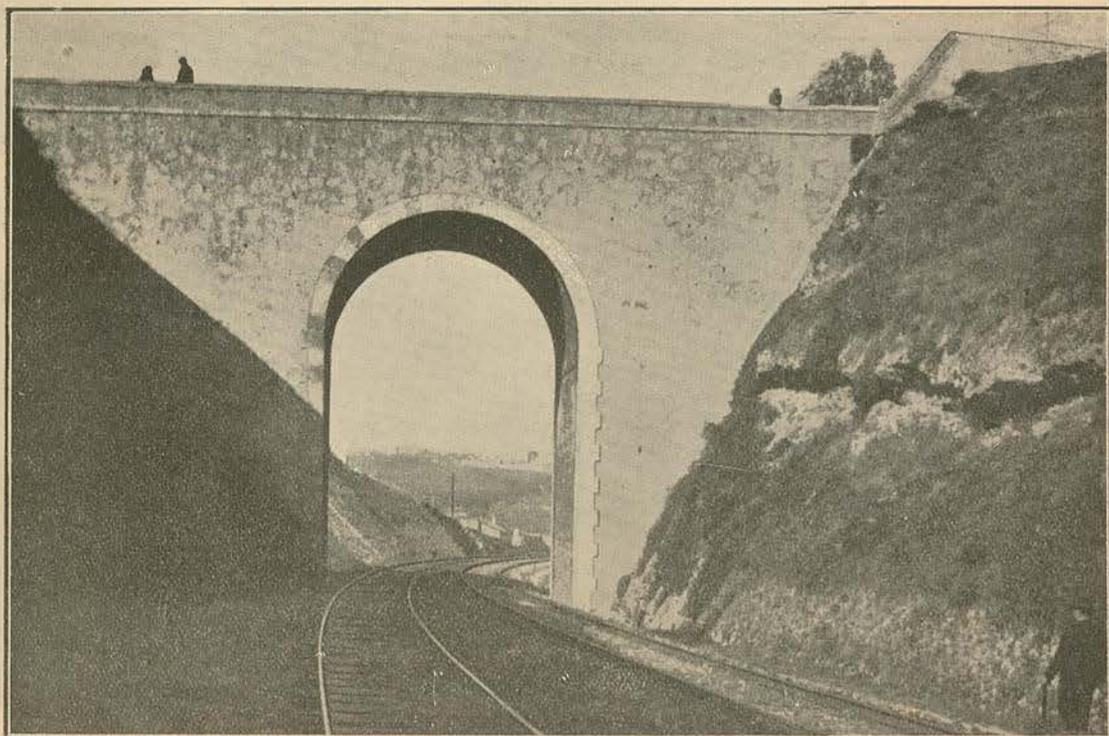
Pedidos directos á Secção Editorial de O SECULO—Rua do Seculo, 43—LISBOA

RUI BARBOSA DE PASSAGEM EM LISBOA



O eminente brasileiro ha pouco falecido, por ocasião da sua passagem em Lisboa, acompanhado de sua esposa e filha, no dia 5 de junho de 1907, quando da sua viagem à Holanda, onde tão brilhantemente representou o Brasil na conferencia da Haia

O FATIDICO ARCO DE CHELAS



Conforme O Seculo noticiou, va ser alargado o Arco das Salgadas ou das Conchas, no viaduto de Chelas, ao qual, segundo re- sam as estatisticas, devem a morte não poucos imprevidentes. Tantos que a percentagem das mesmas estatisticas dá quasi uma victima por ano e o arco foi construido ha 34 anos!

A "Camionette" Fantasma

Liquidação d'uma tragedia



O sr. Carlos Augusto da Maia, irmão do malogrado Carlos da Maia, depondo na audiência do dia 8.



O general sr. Carmona, promotor de justiça

O sr. Augusto d'Oliveira Santos, filho de outra vítima, o almirante Machado Santos, depondo na mesma audiência



EM BAIXO: A deventurada viúva de Carlos da Maia saindo do tribunal, amparada ao braço de seu cunhado e acompanhada, entre outras pessoas, pelo capitão de mar e guerra sr. Peres Rodrigues, seu medico assistente



A testemunha sr. Augusto Gomes reconhecendo, entre os reus, o Dente de ouro, na audiência do dia 9.

— Só quero que seja feita justiça, dentro das leis por todos! exclama, perante o auditorio profundamente comovido, a viúva de Carlos da Maia, ao depôr na audiência do dia 9.



A ama do filho de Carlos da Maia depondo na audiência do dia 10



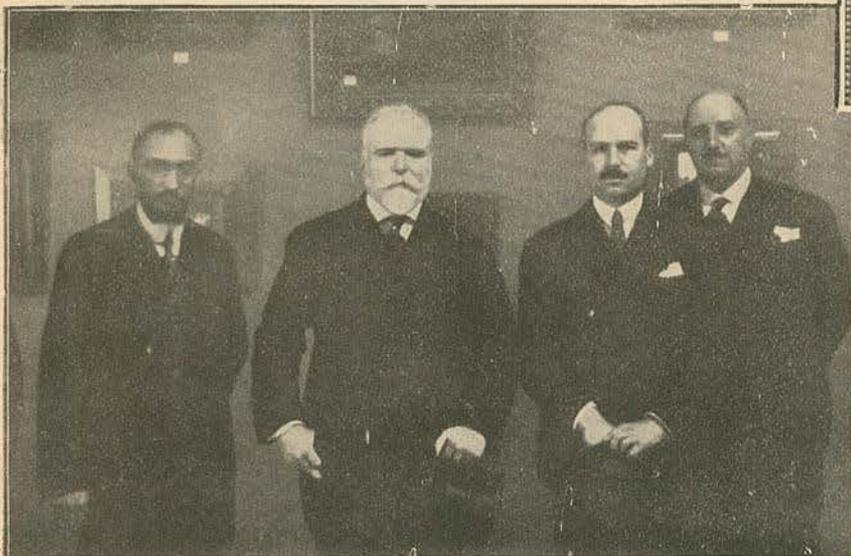
(Glicês Salgado.)

Exposição Trindade Chagas

COM a assistência do Chefe de Estado realisou se, no dia 8 do corrente, no Salão da *Illustração Portuguesa*, a inauguração da exposição de quadros do illustre pintor sr. Trindade Chagas. O sr. dr. Antonio José de Almeida, a quem fizeram as honras da casa os srs. Alvaro de Lacerda e dr. José Monteiro, membros do Conselho de Administração de *O Seculo*, durante a sua demorada visita teve palavras de tão caloroso quanto justificado elogio para os quadros expostos, os quaes por igual teem merecido os aplausos dos inumeros outros visitantes da interessante exposição, que continua franqueada ao publico.



A cozinha



O sr. Presidente da Republica, dando a direita ao expositor, sr. Trindade Chagas, e a esquerda ao secretario do sr. ministro do Comercio e ao sr. Alvaro de Lacerda, membro do Conselho de A. administração de *O Seculo*



Tricana Vilarealense

(Dols dos quadros expostos)
(Clitês Salgado.)

CORPO VOLUNTARIO DE SALVAÇÃO PUBLICA DE LISBOA

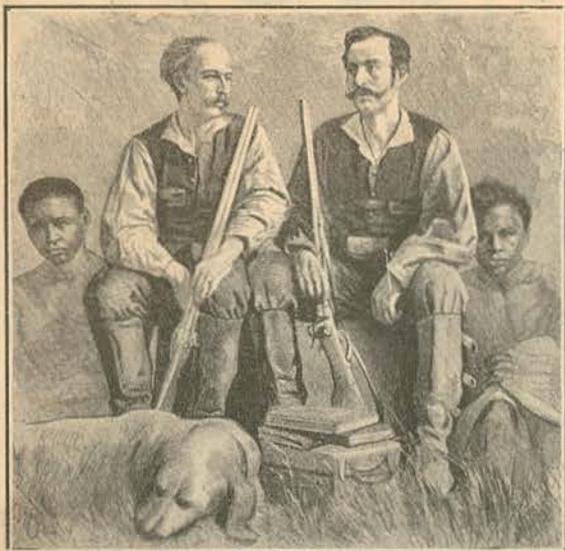


Festejou, ha dias, a passagem do 2.º anniversario da sua fundação o benemerito Corpo Voluntario de Salvacao Publica, representado, na gravura que publicamos, onde se veem, (da esquerda para a direita :

Seniados—Manuel Augusto Martins, enfermeiro chefe; José Luiz Carlos d'Oliveira, 2.º comandante; Augusto Branco Martins, 1.º comandante; Francisco Castelo Branco Pereira, chefe dos postos; Carlos A. Soares Cardoso, chefe de maqueiros.—De pé (1.ª linha)—Anton-o F. Portugal e Julio Pereira da Silva, ajudantes d'enfermeiros; J. Alcantara, enfermeiro; Luiz F. Abolin Pereira, ajud. enfermeiros; Gregorio F. N. ry, José Branco Martins e Arnaldo S. Baptista, enfermeiros; B. Guilherme Bensabat, «chauffeur» motociclista; Tomaz Oelras, enfermeiro; Luiz M. Monteiro, maqueiro; Car os Figueiredo, motociclista; Lucinio Perdigão, enfermeiro —(2.ª linha)—José Basto, motociclista; A. Panzal, enf.; Jaime Cruz e A. Sales, ajud. enfermeiros; Henrique de Sousa, enf.; M. Costa Lima, secret. do comando; J. Bernardo e P. Gomes, maqueiros

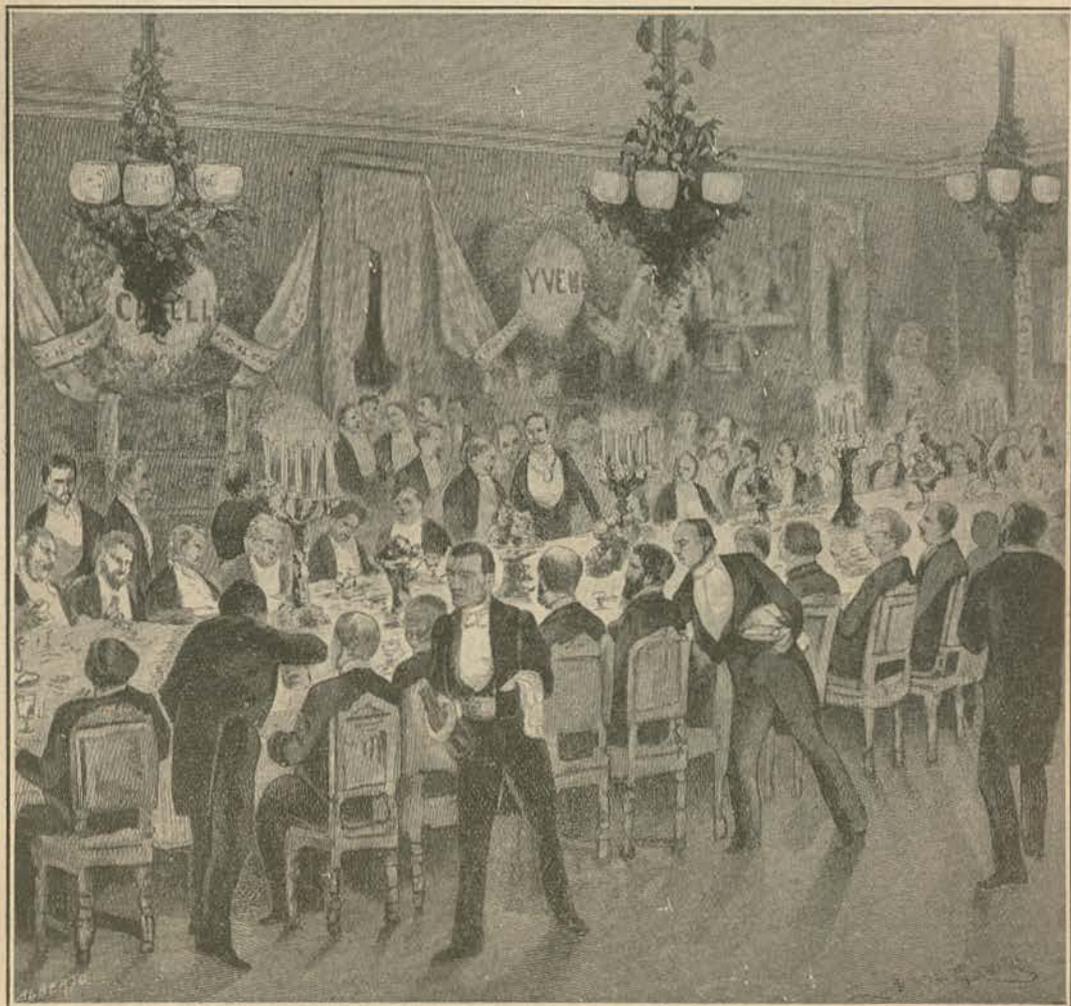
Ha Muitos Anos...

Os exploradores Capelo e Ivens



FAZ, precisamente hoje, 43 anos que se realizou o banquete em honra dos exploradores Hermenegildo Capelo e Roberto Ivens, a que se refere uma das gravuras que publicamos. Haviã regressado a Lisboa, pouco antes, esses dois ilustres oficiais da Armada, apoz a tão acidentada quanto gloriosa travessia de Africa, que se encontra relatada no seu livro *De Angola à Contra Costa*. Posteriormente (1883-1885) ainda Capelo e Ivens realisaram outra viagem de exploração, cujo relato consta tambem de um livro, assinado pelos mesmos exploradores, intitulado *De Benguela às terras de Iaca*. Para se avrillar o que representou o esforço desses valentes homens de sciencia portuguezes, bastará recordar que percorreram 4.200 mil has de costa a costa africana, das quaes 1.500 por serião absolutamente virgem, perdendo, no cometimento, 62 dos homens que os acompanhavam, mortos uns e outros extraviados.

A outra gravura que inserimos, tambem extraída de *O Occidente* (n.º 51, de 15 de março de 1880) representa os exploradores no regresso da primeira das referidas explorações.



Aspecto do banquete oferecido aos exploradores, pela Sociedade de Geographia de Lisboa, em 17 de março de 1880 (Apointamento de Rafael Bordalo Pinheiro — *O Occidente* n.º 55, de 1 d'abril de 1880)

"Estrelas" e "Atrizes" do Cinema



A talentosa artista
Alla Nazimova, que
tantos triunfos tem

obtido desde os seus
primeiros trabalhos
na Metro.

Segundo noticiam alguns jornaes do Extremo-Oriente Mary, Pickford, Douglas Fairbanks, Charlie Chaplin, Pola Negri e outros conhecidos artistas do «ecran» vão empreender uma viagem á roda do mundo, tencionando passar por Sangaí na proxima primavera. A «tournée» deve realizar-se a bordo de um navio japonéz, para isso alugado por Douglas Fairbanks e Mary Pickford, tendo como fim principal a filmagem de varias peluculas. O barco escolhido é o «Persia Maru» e o preço da viagem é de 250.000 dollars.

— Dizem os jornaes estrangeiros que Charlot, invocando os seus «modicos» honorarios, declarou não tencionar casar com Pola Negri. Esta artista ganha menos de metade dos lucros que Charlie Chaplin obtem normalmente...

Uma das mais insinuantes atrizes americanas
miss Justine Johnson, da Realart



Curioso grupo de girls da Sunshine Fox comedettes

FIGURAS & FACTOS



A actriz franceza GABRIELLE DORZIAT e o primeiro actor da sua companhia, CHARLES DESCHAMPS, que, a bordo do Lutetia, devem passar no Tejo, no dia 29 do corrente, em tournée ao Brasil e á Argentina

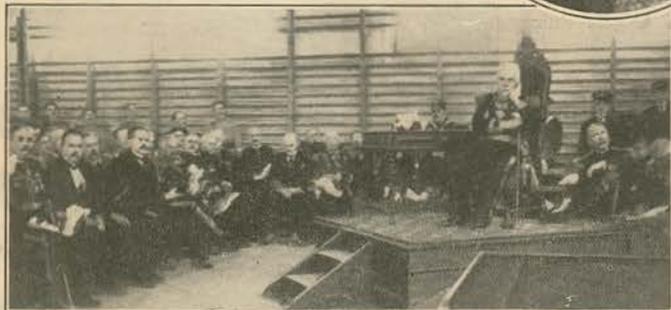


Dr. Parcial João Gomes

Advogado Ilustre da In la Portugueza, recent mente nomeado administrador do concelho de Barzoz



A sr.ª D. Ena Margarida Va-concelos e o tenente do secretariado Militar sr. Artur Marques, cujo casamento se realizou ha dias, em Lisboa (Cliché Salgado.)



Na Escola Militar realizou-se, no dia 12, com grande solemnidade, a cerimonia da investidura do general sr. Moraes Sarmento na dignidade de Grã-Cruz da Ordem de San Tiago. Foi lida uma notavel mensagem do professor coronel sr. Mario de Campos, em nome do Conselho Escolar, e proferiram-se varios discursos, tambem de entusiastica saudação ao illustre homenageado.



Antonio A. Barjona de Freitas

Alfredo Guimarães

Joaquim Duarte Parreira

Antonio José Tavares

Coronel do Estado Maior, chefe de serviço da C. dos Caminhos de Ferro Portuguezes e antigo ministro, falecido no dia 8

Funcionario da Repartição do Turismo e apaixonado coleccionador de antiguidades, falecido no dia 7 do corrente

Importante e honesto proprietario da villa de Alparça, falecido, no dia 6 do corrente, na mesma villa

Antigo e bemquisto escriptorio-nario em Vazpassos e pai do coronel do Seculo, falecido em 20 do mez findo



D. Sebastião Leite de Vasconcelos, arcebispo de Damietta, prelado assistente ao Solio Pontificio, (recentemente falecido), tendo a seu lado o sr. Marquez de Faria, Camareiro Secreto de Capa e Espada de Sua Santidade



Dois novos academicos

Dr. Cardoso d'Oliveira

Ilustre ministro do Brasil



D. Manuel Mendes dos Santos

Ill. arcebispo de Evora

O ESTRANGEIRO EM FÓCO



D. Luís Anton del Olmet

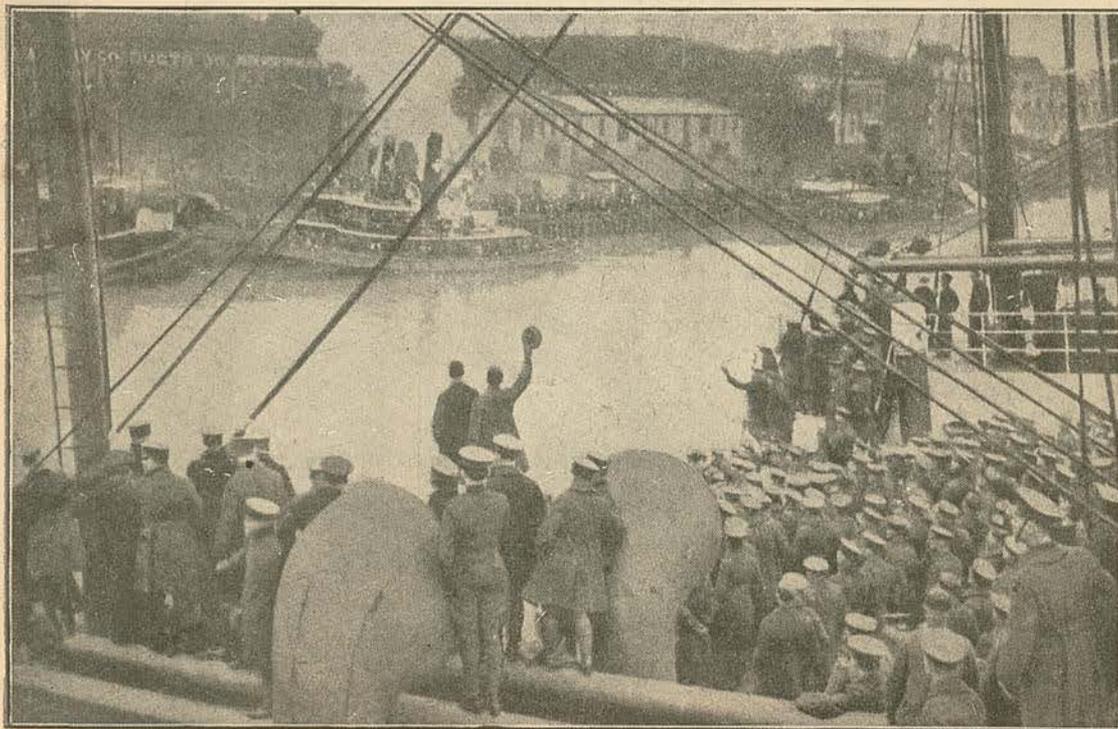


D. Alfonso Vidal y Planas

Os dois autores dramáticos protagonistas do drama «de verdade» representado, no dia 2 do corrente, no Teatro Islava, de Madrid: o segundo maton o primeiro, seu colaborador, por uma questão literária.



O ilustre radiologista francez Mr. Charles Vaillant, que perdeu as duas mãos sob a acção dos raios X, as inando o livro de Ouro da Camamra Municipal de Paris, por ocasião da manifesta:ão de que foi objecto, recentemente, ao ser condecorado com a Legião de Honra



Chegada a Savannah das forças norte-americanas de occupação da margem do Rheno, que acabam de regressar, à America do Norte



A doença de um artista.—Desinencias de fantasia. —Medidas policiaes.

ESTÁ melhor de saúde o sr. Rafael Marques, um dos actores mais inteligentes e mais cultos do teatro Nacional. Em seguida a tres ou quatro representações do *Viriato*, o sr. Rafael Marques, a quem foi distribuido o principal papel naquela tragedia, teve de recolher á cama, e houve quem aproximasse os dois factos, como causa e efeito: assim como uma corrente de ar pode produzir uma constipação, o *Viriato* teria produzido no sr. Rafael Marques uma doença de garganta.

Não nos julgamos profetas, nem são muitas as nossas noções de medicina, mas desta vez não nos foi difficil prever. Na noite da 1.^a representação do *Viriato* dissemos para alguém, que estava ao nosso lado na plateia:

— Os artistas não suportam quatro noites de *Viriato*. O primeiro a adoecer é o Rafael.

Efectivamente, só calabres vocais, e não cordas, poderiam resistir aos berros do general luso, atroando os ouvidos romanos durante tres horas e meia, impondo o patriotismo á força de voz, como se ainda o pastor estivesse nas serras a chamar os carneiros transviados ou a assustar os lobos atrevidos. Assim praticaria o verdadeiro *Viriato*, mas esse não tinha de representar peças de montagem dispendiosa, isto é, não lhe competia defender os interesses de uma empresa teatral e de um actor, cujos direitos são função das receitas, por consequencia do numero de recitas, e não possuía os conhecimentos que todo o artista dramatico deve possuir, de bem emitir a voz, com conta e medida oportunas.

O sr. Rafael Marques não é um principiante, a quem se desculpem inexperiencias. Sabe muito bem, porque tem dado anos ao officio, que a arte de representar, complexa como é, compreende noções de acustica, se não estudadas nos livros, pelo menos, aprendidas na experiencia própria; não devia tê-las esquecido num papel em que o autor não poupou palavras—tambem por uma errada compreensão do que seja teatro, onde a redundancia é quasi sempre imprópria.

O percalço de que foi vítima o sr. Rafael Marques, e outras victimas arrastou, nunca se deu, por exemplo, com o sr. Eduardo Brazão, que conta dezenas de *Viriatos* na sua vida artistica. Se o sr. Rafael Marques não se emendar e representar alguma vez o *Otelo*, rebenta com toda a certeza!

Escreve-nos alguém —o inevitavel *Leitor assiduo*— perguntando por que razão a critica, quando da estrefa da *Ribeyrinha*, no Politeama, não se referiu a um repetido erro gramatical ali cometido e que consiste em transformar a desinencia das 2.^{as} pessoas do plural do pretérito perfeito definido do indicativo de alguns verbos da 2.^a conjugação, obrigando os artistas a dizer *tivesteis* por *tiestes*, etc.

Não estamos aqui para fazer a critica dos criticos. Dirija-se-lhes o referido leitor e eles dirão se se trata de uma forma arcaica e portanto licita, ou se tiveram pejo em assinalar o desacerto, para não pôr em cheque o nosso ensino das primeiras letras, já tão desacreditado por outros motivos, ou ainda se descortinaram na peça qualquer justificação que ao publico tivesse passado despercebida.

E não se julgue que esta ultima hipótese seja absurda. Ha poucos dias na representação da *Blanchette* no teatro Avenida, a actriz sr.^a D. Isilda de Vasconcelos disse *truxe* por *trouxe*. Houve na sala o natural sobresalto das impressões espontaneas, mas logo a reflexão veio explicar o aparente desconchavo: a actriz fazia o papel de uma menina que tinha ficado reprovada na prova oral do exame para o magisterio primario.

Regista-se mais uma tentativa do sr. governador civil para obrigar os frequentadores dos teatros a occuparem os seus logares antes do pano subir. Geralmente a suscitacão da observancia desta medida coincide com a repressão do jogo, a caça aos mendigos e aos vagabundos, as providencias contra os vendedores de generos por preços fóra da tabela e outras diligencias para se efectivarem as prohibições legais. Passados 8 dias, a autoridade, que tinha despertado de mau humor, fadiga, esquece-se e a roleta reabre as portas, a vagabundagem e a mendicidade voltam aos seus antigos dominios, o commercio vinga-se decuplicando os preços tabelados e o publico entra nas plateias a meio dos atos.

Como ainda não tivessem passado os 8 dias e estivessemos no momento agudo da severidade policial quando se realizou a recita da *Blanchette*, a que acima nos referimos, entrámos na plateia ás 9 horas e 10 minutos, isto é, 5 minutos antes da hora indicada no cartaz para começo do espectáculo. A's 9 e 1 quarto as portas fecharam-se — e quando bateram 9 e meia ainda a orquestra não estava a postos. Aí pelas 9 e 3 quartos é que o pano subiu...

Se nos fosse permitido ampliar as determinações policiaes, acrescentariamos o seguinte paragrafo ao artigo relativo á entrada dos espectadores nas plateias:

§ unico. — Os espectaculos principiaraõ impreterivelmente á hora annunciada, sendo obrigada a empresa, em caso de demora, a mandar distribuir vinhos finos e doces aos espectadores, enquanto o pano não subir.

Seria uma compensação pela falta de sobremesa, que muitas vezes não ha tempo de se ingerir para se chegar ao teatro a horas convenientes.

Mario COSTA.

SEARA



— O único amigo que me resta neste mundo: um melro!
 — E então eu? Pelo menos somos dois...

(De *L'Intransigeant*.)



— O senhor acerta, perfeitamente comigo!...
 — Muito agradecido, porque sempre me tive na conta de um pessimo valsista...

(De *Le Matin*.)

ALHEIA



— Mas como é que a mamã a deixa vir ao teatro com o seu namorado?!...
 — Não vê que ela não quer que eu saia sózinha...

(De *Pasquino*.)



— Trago-te, de presente, uma coisa que tu desejas há muito tempo!
 — Não me parece... Um automóvel de 40 cavalos, não cabia ali...

(De *Le Journal*)



— De maneira, D. Justo, que o senhor foi sargento da guarda civil?... E porque se retirou?...

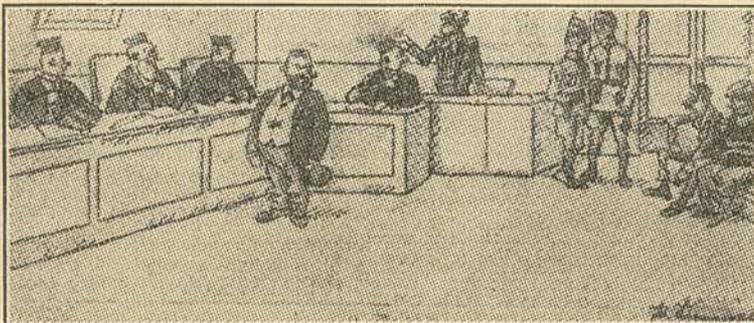
— Porque estava farto de engulir pó... por essas estradas!...

(De *Bueno Humor*.)



— Mas que corrente de ar!...
 — Não admira... Acabo de abrir, aqui, um parêntesis...

(De *Le Petit Journal*.)



— Porque foi que cravou a navalha no coração do assassinado?...
 — Sentí chegar a polícia e, como não tinha onde a esconder...

(De *Lustige Blaetter*.)

OS PORTUGUEZES NO BRAZIL



Sessão solenne comemorativa do aniversário da fundação do Centro D. Nuno Alvares Pereira, do Rio de Janeiro. A mesa que presidiu, vendo-se de pé, discursando, o sr. Diniz Junior, director de A Pátria, d'aquella cidade



Sessão solenne, no dia 31 de Janeiro ultimo, de inauguração da nova sede do Gremio Republicano Portuguez do Rio de Janeiro e dos retratos dos aviadores Gago Coutinho e Sacadura Cabral

(Clichés, Brandão de A Pátria.)

Página Elegante



coroados de um exito completo. Seduzida pelo que contribue para compôr irrepreensivelmente a sua «toilette» destinada a figurar fóra do seu lar, aplica todas as faculdades de intelligencia e de estetica nativa a aperfeiçoa-la sempre mais, porque quer ser elegante, e, a seu vêr, para merecer a classificação de mulher «chic», é necessario que a sua «toilette» seja sempre cuidada com extremos de carinho e de attenção.

Mas esquece-se de que ser elegante, na plena aceção do termo, não consiste apenas em se apresentar-se na rua e nas salas, em todos os pontos, enfim, onde a espera o julgamento de terceiros, alheios á sua vida, vestindo no rigor da moda, com critério e propriedade.

A verdadeira elegante preocupa-se menos com o julgamento alheio de que com o da propria consciencia, que lhe segreda a todo o instante que essa elegancia em cujo altar ela sacrifica com fervor lhe impõe deveres instantes, sobresaindo dentre eles o do conhecimento de uma bem equilibrada harmonia de conjunto



Toilette de casa em clucretine ornamentada com bordados de metal



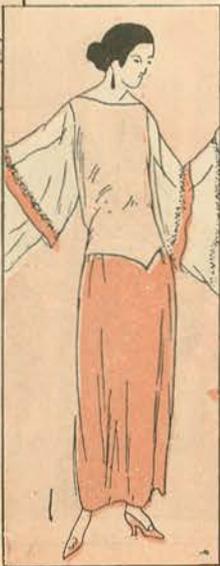
Vestido de casa em setim e volle impetmô



Toilette de casa em pano de lá fino guarnecido com applicações de veludo e bordados de seda

Toilette de casa em clo-y guarnecido com fitas de setim

A mulher consagrou sempre um fervoroso culto á sua «toilette». Todos esses pequenos nadas, que a moda se diverte a modificar ao infinito, encantam-n'a, seduzem-n'a, absorvem-lhe a attenção. Para os estudar, para obteres o ambicionado effeito de embelesamento, quanta paciencia, quanta investigação porfiada lhe é precisa! Nem sempre, porém, os seus esforços são



Toilette de casa em volle de lá ornamentada com bordados de seda



Deshabillê em crepon de seda e setim

em que nem uma só nota menos cuidada deva destoar.

Assim, ella é elegante desde que se ergue do leito até que a elle recolhe, não descurando nenhum detalhe de «toilette», por mais superflua e desnecessaria que essa meticulosidade se afigure aos profanos.

As suas roupas brancas, as roupas da sua casa, do seu leito, da sua mesa, como

a composição das suas «toilettes» de baile ou de passeio, merecem-lhe mil cuidados, mas as suas «toilettes» de casa, essas com que ella deve encantar no lar em que a sua graça pontifica, inspirem-lhe particular interesse.

E' que, a par do seu prestigio de mulher elegante que ella procura a todo o transe conservar em pleno esplendor, um outro interesse de enorme importan-

cia se lhe apresenta a reclamar toda a sua attenção: a defesa da sua felicidade.

Fôra, no exterior, é apenas admirada um instante pela curiosidade que olha, curva-se num preito mais ou menos sincero e passa. Ali, dentro do seu lar, logo ao descerrar os olhos, quando o sol claro da manhã a vem despertar, encontra esses outros olhos que a afagam, mas que instintivamente buscam um «senão», uma «nota falsa» no seu encanto para lh'o apontar descaravelmente entre um sorriso e um beijo.

Ah! a critica do olhar do homem amado é mil vezes mais perigosa, mais cruel e nefasta, do que todas as criticas dessa tal curiosidade que passa e olha!

Que todas as senhoras se compenetrem desta verdade, por pouco aceitavel que á primeira vista ella lhes pareça:

A elegancia da «toilette» do exterior é conveniente; a da «toilette» de interior é necessaria.



Vestido de casa em crepe da China com bordados orientaes



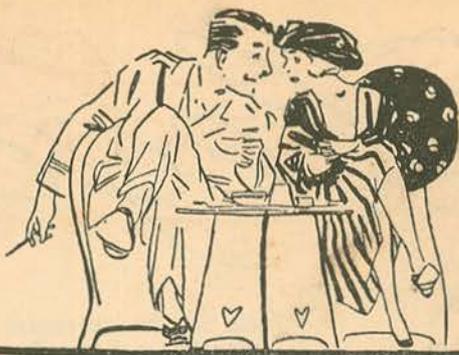
Saut de lit em veludo de lá guarnecido com borlas de prata

Cuide pois dos vossos vestidos de casa, juvenis esposas que sonhaes conservar sempre preso ao vosso encanto, ao vosso prestigio de mulher, o homem que o vosso coração elegue para companheiro, não vos esquecendo que é preciso manter sempre a sua attenção e interesse pela vossa graça e elegancia.

Agarena de LEÃO.



**AQUI SE DIRA
DOS LIVROS
CUJOS AUTO-
RES, ENVIAN-
DO-OS A' BI-
BLIOTECA DA
ILUSTRAÇÃO
PORTUGUESA,
MANIFESTEM
O DESEJO DE
SER FALADOS**



**ONDE SE CONVERSARA' COM OS
LEITORES A PROPOSITO DE TU-
DO E O MAIS QUE OCORRER.**

A VISINHA DO LADO, por André Brun

A revista *De Teatro* publicou nas suas paginas e editou, seguidamente, em *separata*, a graciosa comedia, em quatro actos, *A visinha do lado*, dos trabalhos scenicos mais perfectos, que devemos ao comediografo tão distincto como aplaudido que é André Brun. Representada, ha anos, com retumbante exito, no Ginasio, fez se recentemente a sua repositio no Nacional, com agrado muito justificativo do valor que a caracteriza e que a leitura apenas confirma. Em *A visinha do lado* obteve Maria Matos um dos seus maiores triunfos, creando a velha solteirona em cujo seio se reacende um fugidio amor da mocidade. Com que graça natural e com que talento ella vivia esse tipo tão cheio de realismo, do padrão de outros em que foi eximia, antes de se aventurar a fazer Ingenuas que caricaturou!



André Brun

e conduziu, por isso mesmo, ao inevitavel naufragio! Na galeria das obras teatraes de André Brun faltava *A visinha do lado*. Os seus leitores felicitam-se, vendo a imprensa e tão fresca e bulhosa como na primeira hora...

A INDEPENDENCIA DO BRASIL, por Rocha Martins

Uma das penas mais fecundas e, sem duvida, mais brilhantes do nosso tempo é a de Rocha Martins, que a consagra com equal pericia e nervosismo equal ao romance, ao panfleto e á chronica. O grosso volume da *Independencia do Brasil*, profusamente illustrado com boas gravuras, entre as quaes retratos e *fac-similes*, traçou-o o autor de tantas obras notaveis sobre documentos ineditos em cujo numero avultam os papels do Marquez de Rezende, amigo de D. Pedro, e que hoje se encontram nos arquivos da Academia das Sciencias. A historia, conforme a escreve Rocha Martins, lê-se com um particular encanto, porque elle sabe, como poucos, evocar uma época, reconstituir um scenario, ressuscitar uma personagem, mover um conjunto de figuras, desdobrar diante de nós os acontecimentos, referindo-nos as suas causas e as suas conclusões, sem que nunca nos enfastie, antes se nos imponha pela colorida leveza do estilo e pela originalidade dos conceitos. D. João VI, D. Ca lota Joaquina, as côrtes de 182, a revolta de D. Miguel fornecem magníficos temas á sua paleta, que pintou, com



Rocha Martins

A. G. C.—O seu Proscrito não chega á craveira, apesar da sua correção metrica.

F. A. L. E.—Denota quasi ades. Não comece pelo soneto. Mãos de cadaver que á morte pertencem

não tem o necessario ritmo. Revelar não se pôde transformar em rev'lar. Resquico não é português. Os dois tercetos dos Crisantemos são infelicissimos. E etc.

CLOTILDE—Para embranquecer as mãos, faça uso de cozimentos de folhas e rizes de ortigas. Empregando este liquido duas ou três vezes por dia, para lavar as mãos, em pouco tempo consegue ter umas mãos albas de neve, com a pele muito macia.

AMOR PERFEITO—Par' calafetar as fendas de madeira, basta empregar serradura de madeira, de forma a encher metade da fenda, no espaço que fica deitai cola forte, liquida, e deixar arrefecer. Depois, basta encerrar ou envernizar para que não se conheça nada.

M. MOUF.—Obteve aprovação.

BELLAH—Houve certamente extravio da primeira remessa. Os dois sonetos são muito bons. Serão publicados, sem sombra de favor.

MARIA RITA—Não precisa de benevolencia quem faz quadras assim. Com muito prazer dar-lhes-hemos publicidade.

MORGADO DE VILARINHO (PORTO)—Como apela para a nossa franqueza, «la ai vai»: Os seus versos tem muitos defeitos; alguns estão errados na metrica (Ex.: Quando acendo um cigarro...), outros na gramatica (Ex.: Mas tu já tudo esqueces-te), outros não são versos (Ex.: Amar-me mul loucamente)... Nos sonetos é melhor não falarmos. A' outra pergunta—se os seus versos tem algum valor—a resposta é: pouquissimo.

TI ZÉ DO OITEIRO—Qual 831 Tomaram muitos rapozes versejar assim. E, para prova do que vale, publicar-se-ha o Sózinho.

M. F.—As suas Rosas primaveraes não estão em condições de se publicar.

M. DO CEU—Se tem dedicado mais nm nadinha de atenção ao seu Romplimento estranho, tinhamos obra. Faça outro, com mais cuidado, e será atendida.

inexcedível vigor, alguns dos quadros mais interessantes da vida politica luso-brasileira na primeira metade do seculo XIX. A edição, que representa um arrojado da casa *Lumen*, corresponde em tudo ao merito da obra e demonstra a cultissima intelligencia de quem se encontra á frente da mencionada casa editora.

APROXIMAÇÃO ECONOMICA ENTRE PORTUGAL E BRASIL, conferencia

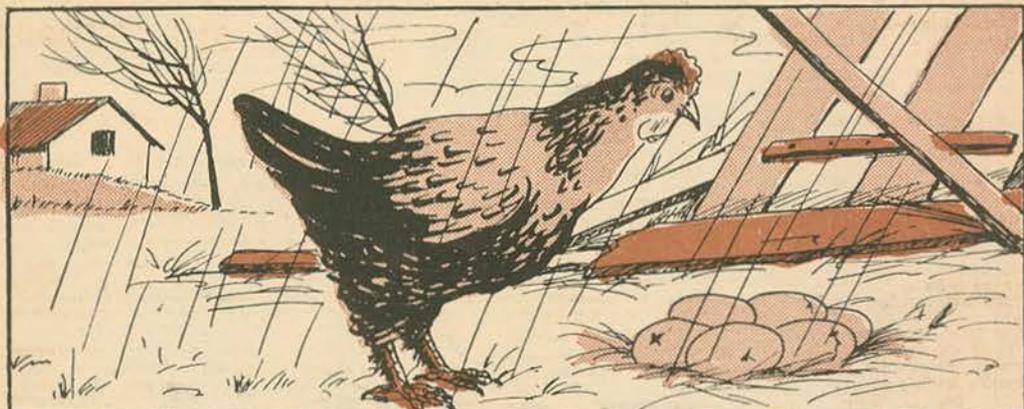
Quando da viagem presidencial ao Brasil, o sr. Francisco Antonio Correia, amigo ministro dos Estrangeiros e das Finanças, director do Instituto Superior do Comercio, e que fazia parte da missão que acompanhou o Chefe do Estado, realisou, no Rio de Janeiro, uma conferencia sobre a *Aproximação economica en re Portugal e Brasil*. Esse trabalho, em que se defendem, com desassombro, opiniões fundamentadas no estudo e na observação dos problemas e fenomenos de ordem economica, acaba de ser dado á estampa e ocioso se torna assegurar que se lê com o mesmo interesse com que foi ouvido na capital federal.

A. DE A.

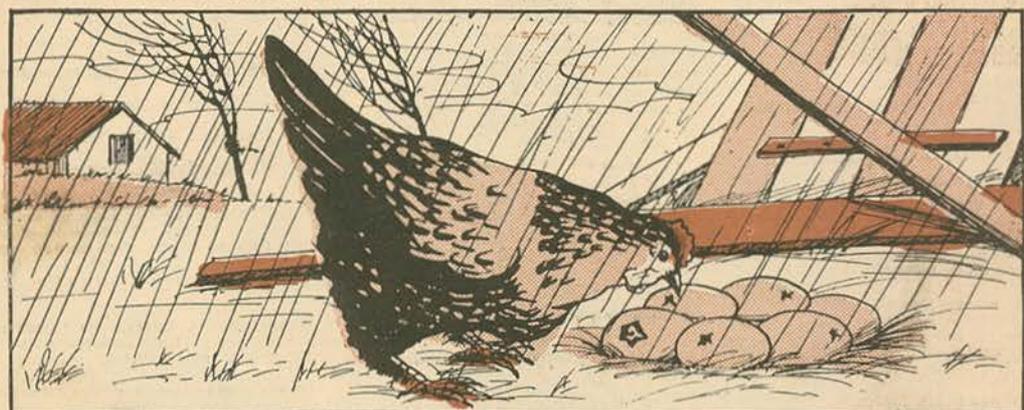


PAGINA INFANTIL

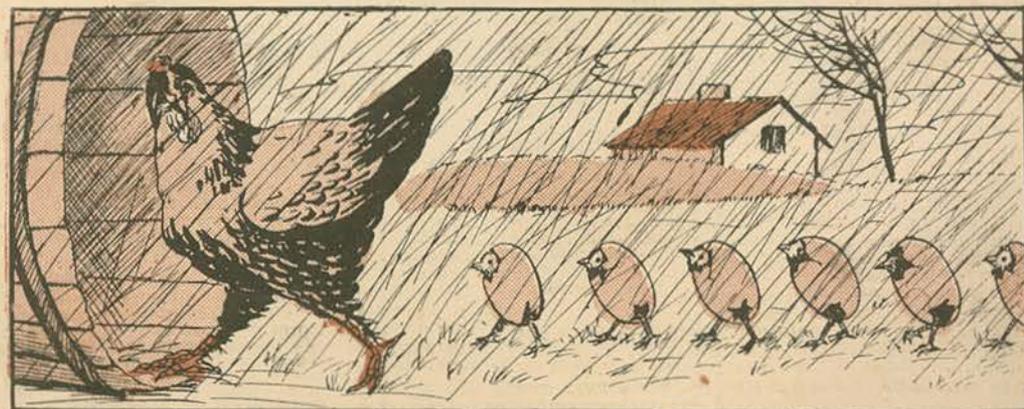
OS CUIDADOS D'UMA GALINHA



—A GALINHA MUITO AFLITA: O MALDITO VENTO LEVOU A MINHA CASA E OS MEUS FILHOS ESTÃO QUASI A SAIR DOS OVOS!...



—A GALINHA JÁ MAIS SOCEGADA: ORA VAMOS LÁ VÊR SE CONSIGO ARRANJAR UMAS CAPINHAS PARA ELES NÃO APANHAREM CHUVA



—A GALINHA MUITO CONTENTE: GRAÇAS A DEUS CONSEGUI ENCONTRAR CASA E OS MEUS FILHOS ESTÃO TODOS VIVOS E ENXUTINHOS.

ESFINGIA



(Respondendo, e como agradecimento, ao novo colega da «Esfingia», «Do 16»)

Do 14, é pseudônimo que eu uso
Porque alguma razão tenho p'ra isso:
Foi quando estive no hospital, doente,
E sofri op'ração que foi enguiço.

Tinha na cama o numero *catorze*
E o *catorze*, então, era só ouvil-o!
Enfermeiros, o médico, os doentes:
«Oh! seu *catorze*, isto! Oh! *catorze*,
aquilo!»

Finda a op'ração (julguei-a intermina-
vel!—3

Tinha *catorze* pontos naturais!
E os dias que no hospital 'stive inter-
nado

Foram *catorze* com *catorze* mais!
Sai às *catorze* horas do lugar
Onde tantos tormentos padeci;
Fiz cá fora, depois, o meu julgo:—2
Debaixo do *catorze* me encobri...

No *catorze*, *catorze* vezes pensei,
E *catorze*, p'ra sempre ficarei!...

Do 14

Decifrações das produções publicadas no numero transato:

Enigmas: Anilina — Fado.
Charada em verso: Automedonte — Ca-
poeira.

Logogrifos: Bemvindas sejam — Assim
Enigma pitoresco: Nunca dês ponto
sem nó.

ENIGMA

(Dedicado aos colegas «Josolicos»
e «Do 14»)

Enigma p'ra matutar
Que eu venho aqui ofertar
Aos dois caros camaradas,
Josolicos, atenção!
Do 14, a solução
Sem fórmãs arrevesadas.

E' de oito letras formado:
Quatro delas são vogaes,
As outras são consonantes.
Neste nome e nada mais.

Tem um nome de mulher,
Tambem tem um feticcio,
E planta muj conhecida:
Tendes o conceito inteiro.

Decifrem, caros colegas,
E digam-me o resultado.
Estou ansioso de ver
Este enigma decifrado...

José do Nascimento

CHARADAS EM VERSO

(Continuação)

Hoje, sim, que contempie
A formosa calxeirinha
Que em pobres versos cantel...
Quem dera que eu fosse rei
P'ra fazer d'ela rainha.

Ou então eu ser zagal,
Ser ela a minha pastora,
Andarmos de vale em vale,
Em carreira triunfal,
Entre o trigo que sol doural

Bebermos agua das fontes,
Seremos qual Paulo e Virginia,
Subirmos juntos aos montes,
Contemplando os horizontes,
D'uma bela côr sanguinea,

Quando das Avé-Marias
Se ouvíssem os meigos sons,
Pela veredas sombrias,
Rezarmos as melodias,
Dos seus beijos, castos, bons!

Se bem me queira guindar—2
P'ra colher tão lindo fruto...
Compreendo que o meu olhar
Ela procura evitar,
Lançando-me em negro luto!—4

Atenta, mas sem olhar,
Quem a olha p'ra vidraca,
Lembra a côra a escutar
Se presente o farejar
Dum feroz chacial de raça!

Minha pobre fantasia
Repassada de ilusão...
Quizera, com energia,
Desfazerte, dia a dia,
Sem garbosa ostentação!

Marcelo Monfort

CHARADAS EM FRASE

(A Josolicos)

Por maior que seja o homem, não atin-
ge o tamanho do cavalo marinho—1-1.

Cupido 1.

(Ao Plutão)

Já basta tanto figurado! sr. C. M. de
Carvalh e Gama. E' melhor descansar e
ir dar um giro—1-1.

Rei Vambas.

LOGOGRIFOS

Sobre o belo soneto ESFIN-
GE, da brilhante poetisa Leo-
nor Posal

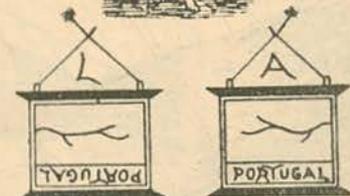
Mergulho o meu olhar em teu olhar, in-
dago
o que a tua alma diz nessas vagas tran-
quilas.—11-17-13-4-0-1-5-10-4-12
E busco compreender, procurando sen-
til-as,
todo o mal que receio e todo o bem que
afago!—7-10-C-17-6-4-5-7-15

Quantas vezes, a rir, nos ratos que acu-
til as,
de duvida me encheste o coração pre-
sagol
Mas, também, quanta vez, no mar em
que naufrago,
me velo a salvação d'essas doces pupi-
las!

Cruet enigma és tu! Esfinge indecifra-
vel.—3-5-16-17-6-18
Ora frio no olhar, ora brando amora-
vel.—1-5-13-3-8
Quando é que poderel teus estos desven-
dar!

—Muito breve, talvez... ou talvez nega-
tiva...—6-15-P-2-14-12
Ah! quem pode saber d'essa força que
é a viva
Inconstancia do céu e inconstancia do
mar?...

Do 14



QUADRO DE HONRA

Tia Aldina — Diogenes — A. Gome-
s — C. Sillei — Um novato —
Lucia Lluu — Trigo — Alberti-
nho — Mae & Filha — S. Palo —
Etheciv Sepol — Alda C. o-
mes — Violeta — N. N. — V. Mar-
ques — Jub do Silencio — Jus-
tino Ferr Ira — Marte — Castor
& Polux — Sant'Ana — Rosa
pallca

Campeões decifradores do pe-
nultimo numero.

Indicações uteis

No proximo sabado sairão publicadas
na *Ilustração Portuguesa* as decifra-
ções das produções insertas neste nu-
mero.

—Toda a correspondencia relativa a
esta secção deve ser enviada ao *Seculo*
o endereçada a José Pedro do Carmo.

—Ao director d'esta secção assiste o
direito de não publicar produções que
julgue imperfeitas.

—Só é conferido o Quadro de Honra
a quem envie todas as decifrações exa-
tas, entregues até cinco dias após a sal-
da d'este numero, ás 16 horas, na su-
cursal do Rocio.

—Todas as produções devem vir escritas
em separado, e os enigmas pitores-
cos bem desenhados em papel lizo e tin-
ta da China

—Os originaes quer sejam ou não pu-
blicados, não se restituem.